

WLADEMIR DIAS PINO

**A
máquina
que
ri**

Edições Cidade Verde
1941
Cuiabá Mato Grosso

WLADEMIR DIAS PINO

Wlad

A MÁQUINA QUE RI

Edições Cidade Verde
1941
Cuiabá Mato Grosso

A MÁQUINA QUE RI

Cresces em direção de tua morte
essa que fecha e instante que vives
como o sexo dilata os poros
ou como as bolhas de ar
distanciando-se
dos peixes agudos

As coisas te possuem nos laços
das rugas e nem percebes
que estás suspenso

Nem que respiras
na ponta
da língua
como um enforcado

Teus olhos têm o brilho de flecha — um eco polido de rolar

nossa ânsia nos

une como sombras

No rosto
ternuras à dentro
escorrido forte
da calvice
esticando a angústia
em ossos
unidos furados e irmãos
os olhos crus
cruz gira no vidro
(raízes cruas)
recebendo o mundo
na nudez ferida
crescidos mais nas lentes
unidos furados e irmãos

O homem e seu exadrezados passos
com o cuidado de ir paralelo
a sua igualdade

O homem e seu paletó
e o cuidado de carregá-lo
como seu próprio cansaço
e a fome que a solidão circula

Severa é a doença
a fome: exata
e o susto vegetal

O homem examina seu tédio
como se fôsse um dedo

IV

Tens a idade dêsse vento
em que tua sombra arde
e abre
feridas pingadas
no chão
irregulares como mordidas
O teu perfil
que irrita o tempo
— pontudas dúvidas
se afiando de rentes
como assobio
roxeia o tempo
nessa tristeza de asa de inseto

numa constância de sede

curvo o sono
como uma noite

— suspenso sêde

é que é íntima a volta
que quase quer tocar na dor

Atravessam-lhe rugas
apertando mil lábios de amargura
cesido de séculos

e suas asas
por castigo
se desfizeram em veias

v

a sombra na bôca aberta do morto
como um corte
reto
teto

O tempo recorta
paralelos aos teus gestos

— o sal dos ventos

— o espanto arenoso das orelhas

Teus dedos como desenho de folhas
flexíveis de tempos
(— que forma de procura tem uma estrêla?)
tuas unham crescem
no vazio

— o circular dos gestos

as imagens
com sua densidade de casca
— calor de medida
colorido

